

+ ECONOMIA**MARTA SFREDO**

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

A partir de novembro, PIX promete transações rápidas

No episódio da frustrada estreia mundial do Facebook Pay no Brasil, muitos brasileiros ouviram falar pela primeira vez no PIX, do Banco Central (BC). Um dos motivos para a instituição barrar a iniciativa, que previa pagamento via WhatsApp, foi não ter entrado no sistema, como o BC prevê para o setor.

Lançado em fevereiro, deve estreiar em novembro, conforme a mais recente previsão do BC. A promessa é permitir pagamentos ou transferências em poucos segundos, durante as 24 horas dos sete dias da semana. Será gratuito para pessoas físicas, que também poderão sacar dinheiro em grandes redes de lojas, anunciou na semana passada o presidente do BC, Roberto Campos Neto.

Um dos principais objetivos do BC é usar tecnologia disponível para reduzir prazos e custos. Há intenção de substituir os atuais DOC e TED, caros e burocráticos.

A promessa do BC é que um pagamento por PIX só vai exigir um clique em informações armazenadas no celular. Será preciso ter uma identidade, que pode ser CPF ou CNPJ, e-mail, número de telefone celular – apenas uma dessas opções. Será possível usar o Endereço Virtual de Pagamento (EVP), forma de receber um PIX sem precisar informar dados pessoais ao pagador. É um conjunto de números, letras e símbolos gerados aleatoriamente que

identificará uma conta.

Também será possível usar o sistema para pagar boletos, desde que inclua um QR Code.

No dia 1º de junho, terminou o prazo de inscrição para empresas ou instituições com participação facultativa.

Segundo o BC, 979 estão habilitadas. O maior número é de cooperativas de crédito (634), seguido por empresas de pagamento (252) e bancos comerciais (61).

Não haverá limites mínimo e máximo de valor, embora tetos possam ser fixados para reduzir risco de fraude e lavagem de dinheiro. Segundo o BC, as transações do PIX serão cobertas por sigilo bancário e terão autenticação e criptografia.

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em gauchazh.com/martasfredo

Carro elétrico gaúcho 2



Responsável por tirar do papel o primeiro carro elétrico do Estado, o empresário aposentado e curioso (como ele se define) João Alfredo Dresch lançou a segunda geração, seis anos depois. Trata-se de um veículo maior, mais potente e com mais autonomia: o JAD 2. Apesar de ainda ser “míni”, a versão atual ficou maior em relação à anterior. Cresceu de 1m95cm de comprimento para 2m5cm. Ganhou sistema de freios e airbags, e motor mais potente: 12,8 cv, em vez de 5 cv.

O veículo roda 120 quilômetros com uma carga de bateria, que

demora até três horas para carregar. O JAD 2 é resultado de muitas mãos. O projeto de engenharia começou a ser desenvolvido por alunos da Universidade de Passo Fundo (UPF) em 2014. Mesmo sem apoio financeiro, Dresch decidiu executar o esboço, em parceria com Adilson de Brito, outro “autodidata curioso”. O motor do veículo foi doado pela Weg, multinacional com sede em Jaraguá do Sul (SC). O próximo passo é encontrar investidores para abrir a tão sonhada montadora de carros elétricos.

Por que o Brasil já está em recessão

A definição mais conhecida de recessão é a chamada “técnica”, quando um país tem dois trimestres seguidos de queda no PIB. Mas na última sexta-feira o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace) se reuniu e avaliou que o Brasil entrou em recessão no primeiro trimestre de 2020. À coluna, um dos integrantes do grupo, Paulo Picchetti, professor da Escola de Economia da FGV em São Paulo, explicou que a “recessão técnica” é uma regra de bolso, no sentido de ser fácil de aplicar, mas nem sempre corresponder à realidade:

– O Codace, como órgãos parecidos em outros países, adota um conceito mais compatível: queda generalizada e duradoura da atividade em vários setores.

Quando a recessão é técnica, detalha, pode haver dois trimestres de queda leve no PIB, puxada por um problema em setor específico.

– Agora, temos quedas tão fortes em tantos setores que não precisa esperar para dizer que estamos em recessão – afirma Picchetti.

ANOSSAPARTE

Sicredi doa R\$ 12,4 milhões no RS

Desde o início da pandemia de covid-19, os associados do Sicredi destinaram um total de R\$ 12,4 milhões a diferentes ações de redes de saúde e de entidades públicas e privadas. Desse total, R\$ 9,8 milhões são procedentes do Fundo Social e R\$ 2,6 milhões saíram dos recursos próprios das cooperativas.

Conforme o vice-presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, um dos valores do cooperativismo é transformar as comunidades, o que se torna ainda mais relevante nesse momento de grandes desafios e necessidades.

O modelo de participação e de atuação no Sicredi permite que os associados decidam o destino dos resultados de sua cooperativa. Entre as possibilidades, está o apoio a projetos locais, como é o caso das ações de combate ao coronavírus. Entre as iniciativas que receberam o apoio do Sicredi estão a compra de equipamentos de proteção individual (EPI) e respiradores, além da distribuição de cestas básicas para famílias e entidades impactadas pela pandemia nas diferentes áreas de atuação no Rio Grande do Sul.



Uniformes viraram máscaras

Transformar uniformes antigos em máscaras foi a proposta da Rede Marista a seus alunos. Depois de arrecadar centenas de peças, conseguiu fazer cerca de 2,3 mil máscaras, doadas a instituições e comunidades em vulnerabilidade social.

Entre as localidades que recebem auxílio estão Ilha Grande dos Marinheiros, Rubem Berta e Vila Safira Nova, Nova Santa Marta (em Santa Maria) e Loteamento Santa Teresinha. Cooperativas foram selecionadas para confeccionar

as máscaras e receberam pelo trabalho, para ajudar também pequenos negócios que enfrentam a crise econômica.

Entre as escolhidas, estão Mãos de Fada, coletivo de mulheres que faz artesanato, e Mãos Amigas, ligada à Associação do Voluntariado e da Solidariedade (Avesol). Estudantes e a Associação de Pais e Mestres (APM) do Colégio Marista Medianeira, de Erechim, também fazem máscaras. E, em Rio Grande, costureiras voluntárias e diocese contribuíram.

O INSTITUTO UNIMED-RS FEZ DOAÇÃO AO TECNOPUC DESTINADA À COMPRA DE IMPRESSORAS 3D E INSUMOS PARA A PRODUÇÃO DE PROTETORES FACIAIS A PROFISSIONAIS E INSTITUIÇÕES DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL. DESDE MARÇO, O TECNOPUC FABLAB PRODUZ MÁSCARAS E OUTROS EPIs COM APOIO DE PROJETO GRU, TAURUS, STILL, GRENDENE, SENGE, BRASKEM E OUTROS.